

### SOFRIMENTO PSÍQUICO E MEDICALIZAÇÃO DO CONCURSEIRO JURÍDICO: PERSONA ONIPOTENTE E O ARQUÉTIPO DO MAGO

Cintia Morello<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória, Espírito Santo.

<http://lattes.cnpq.br/1964723655216102>

**RESUMO:** O sofrimento emocional de candidatos a concursos públicos pode ultrapassar a exigência acadêmica e alcançar a saúde mental, os vínculos e a própria identidade. Este estudo analisa o adoecimento e a medicalização de candidatos às altas carreiras jurídicas a partir da persona onipotente e da figura arquetípica do Mago, articulando Psicologia Analítica, Gestalt-terapia e abordagem humanista. Trata-se de pesquisa aplicada, qualitativa, exploratória e descritiva, de caráter bibliográfico e documental, com utilização complementar de material empírico secundário. A análise indica que a crença no controle pelo conhecimento, a rigidez da preparação e a ideia de que é preciso abdicar da vida para ser aprovado podem ampliar incongruência, autocobrança, isolamento e exaustão. A medicalização também pode aparecer como tentativa de sustentar uma lógica de desempenho já adoecida. Conclui-se que a preparação precisa ser compreendida como parte de um projeto de vida, e não como condição para que a vida aconteça, valorizando flexibilidade, autorregulação, autenticidade e estratégias de promoção de saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde mental. Medicalização. Concursos públicos.

### PSYCHOLOGICAL DISTRESS AND MEDICALIZATION OF LEGAL EXAM CANDIDATES: THE OMNIPOTENT PERSONA AND THE MAGICIAN ARCHETYPE

**ABSTRACT:** The emotional distress experienced by candidates preparing for public competitive examinations may extend beyond academic demands and affect mental health, relationships and identity. This study analyzes psychological distress and medicalization among candidates for high-level legal careers through the omnipotent persona and the Magician archetype, articulating Analytical Psychology, Gestalt therapy and humanistic approaches. It is an applied, qualitative, exploratory and descriptive bibliographic and documentary study, complemented by secondary empirical material. The analysis indicates that belief in control through knowledge, rigid preparation and the idea that one must give up life in order to succeed may intensify incongruence, self-demand, isolation and exhaustion. Medicalization may also emerge as an attempt to sustain an already unhealthy performance

logic. Preparation should therefore be understood as part of a life project, rather than as a condition for life to begin, valuing flexibility, self-regulation, authenticity and health-promotion strategies.

**KEYWORDS:** Mental health. Medicalization. Public competitive examinations.

## INTRODUÇÃO

O concurso público é um instrumento consolidado de admissão ao serviço estatal, estruturado no Brasil sob os princípios constitucionais que regem o acesso à Administração Pública (BRASIL, 1988; OLIVEIRA, 2025), e é visto por milhões de brasileiros como uma espécie de promessa de estabilidade e ascensão econômica. Já os concursos para as altas carreiras jurídicas — Ministério Público, Magistratura, Defensoria Pública, Advocacia Pública, Cartórios e Delegado de Polícia — estão entre os mais difíceis e complexos. Tal cenário confirma o lugar central do concurso na cultura brasileira contemporânea, mas também traz consigo efeitos colaterais: estresse, isolamento social e sofrimento psíquico.

A psicologia, em diálogo com as ciências sociais, tem problematizado essa experiência como reflexo do que Sennett (2006) e Han (2015) definem como sociedade de desempenho. Birman (2014) sustenta que a medicalização opera como dispositivo de gestão da subjetividade, transformando dificuldades existenciais em sintomas passíveis de correção. No universo dos concursos, a promessa de superação ilimitada se combina a uma lógica produtivista que converte a disciplina em ideal absoluto, afastando o sujeito de sua dimensão simbólica.

A Psicologia Analítica contribui para essa reflexão por meio do conceito de persona, compreendida por Jung (2013) como uma forma de adaptação entre indivíduo e sociedade. No caso do concurseiro, essa persona pode assumir um formato onipotente e se articular à figura arquetípica do Mago, ligada simbolicamente ao conhecimento, à transformação e à tentativa de domínio. O problema não está em estudar muito, querer aprovação ou buscar excelência. Surge quando o papel passa a ocupar espaço excessivo e o candidato começa a organizar toda a vida a partir dele.

Rogers (2009) ilumina outra parte dessa dinâmica ao tratar da incongruência. Ela ocorre quando a experiência vivida entra em conflito com uma imagem idealizada de si. As condições de valor impostas pelo contexto — como a crença de que só haverá felicidade após a aprovação — podem produzir alienação e autossabotagem. O concurseiro oscila entre ideal de perfeição e colapso, vivenciando ciclos de metas irreais, falhas, culpa e redobramento de esforços.

Na Gestalt-terapia, o self não é compreendido como algo isolado do campo (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997; TÁVORA, 2017). A experiência se produz no contato entre pessoa e ambiente, e a saúde depende também da capacidade de ajustamento criativo diante das situações que surgem. Isso interessa especialmente ao universo concurseiro

porque reprovação, mudança de edital, cansaço e incerteza exigem reorganização. Uma preparação muito rígida pode impedir justamente essa possibilidade de ajuste.

Justifica-se, portanto, a presente pesquisa pela necessidade de compreender o sofrimento psíquico de concurseiros para além dos aspectos cognitivos da preparação. O trabalho propõe um diálogo entre Jung, Rogers, Perls, Hefferline e Goodman, buscando compreender a preparação para concursos como espaço de produção de subjetividade e experiências, mas também de adoecimento e medicalização.

Ao trazer essa discussão para a Saúde Coletiva, interessa observar algo que não é apenas individual. O candidato está inserido em uma cultura específica, submetido a exigências institucionais, custos, expectativas familiares e profissionais, mercado de preparação e discursos que associam mérito a sacrifício. A experiência é pessoal, mas o campo em que ela acontece não é.

O recorte das altas carreiras jurídicas não foi escolhido apenas pelo prestígio social associado a esses cargos. Os certames são extensos e acumulam etapas, conteúdos e exigências que tornam a preparação prolongada. O candidato pode passar anos estudando sem saber quando ocorrerá a aprovação. A incerteza faz parte do processo, embora boa parte da cultura de preparação seja construída justamente em torno da tentativa de eliminá-la.

Também não se pretende afirmar que todo concurseiro adoecer ou que uma preparação intensa seja necessariamente patológica. Há pessoas para quem o estudo produz organização, sentido e satisfação. O interesse deste trabalho está nos momentos em que aquilo que inicialmente funciona como projeto passa a ocupar a totalidade da vida, e a adaptação deixa de ser flexível.

## OBJETIVO

O objetivo geral consiste em analisar a relação entre persona onipotente e figura arquetípica do Mago no processo de adoecimento e medicalização de concurseiros que almejam cargos das altas carreiras jurídicas, integrando contribuições da psicologia analítica e da Gestalt-terapia. De forma articulada, busca-se revisar a literatura sobre concursos, saúde mental e medicalização; examinar a persona e a figura do Mago como eixos interpretativos dessa experiência; discutir as condições de valor, a incongruência e o ajustamento criativo; e refletir sobre implicações voltadas à saúde integral do estudante.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza aplicada, pois parte de um problema concreto com o intuito de propor reflexões úteis à prática clínica e à compreensão das dinâmicas psicossociais contemporâneas (LAKATOS; MARCONI, 2017). A abordagem é qualitativa,

uma vez que busca compreender fenômenos simbólicos e subjetivos em profundidade, considerando o contexto das experiências vividas (CRESWELL, 2010). Quanto aos objetivos, o estudo é exploratório e descritivo (GIL, 2019; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Quanto aos procedimentos, o estudo enquadra-se como pesquisa bibliográfica e documental. O corpus inclui autores clássicos da Psicologia Analítica e Humanista, como Jung (2013) e Rogers (2009), autores da Gestalt-terapia e pensadores contemporâneos que abordam sofrimento e subjetividade na sociedade do desempenho, como Birman (2014), Han (2015), Sennett (2006) e Dejours (2012).

Além dessas fontes, incorpora-se como material complementar a pesquisa de Anjos (2016), baseada em entrevistas semiestruturadas com concurseiros. Esse material foi tratado como fonte secundária, e não como coleta empírica própria. Sua inclusão se mostra pertinente diante da escassez de bibliografia em português sobre o tema e pela possibilidade de diálogo entre o material publicado e os achados teóricos e simbólicos deste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise permite compreender o fenômeno concurseiro como manifestação contemporânea de uma identificação excessiva com a persona. Os candidatos às altas carreiras jurídicas se submetem a provas objetivas, discursivas e orais, além de outras etapas previstas nos editais. Há notas de corte sucessivas e um percurso que pode durar anos. Não basta alcançar um conhecimento mínimo; é necessário sustentar desempenho elevado durante muito tempo.

Essa exigência objetiva existe. O problema começa quando ela passa a organizar também a forma como o candidato mede o próprio valor.

Han (2015) discute uma sociedade em que desempenho e cansaço se aproximam de tal maneira que o sujeito se torna responsável por exigir cada vez mais de si. No ambiente concurseiro, isso aparece em frases que circulam como conselhos e acabam assumindo a força de regras: “é preciso abdicar de toda a vida social para passar”; “é preciso passar para ser feliz na vida”. O candidato inicia a trajetória confiante e com foco em seu objetivo, mas ao longo do percurso lida com reprovações, custos elevados para prestar cada prova, competitividade e a sensação de que deveria estar fazendo sempre mais.

O estudo para concursos está ligado à necessidade de uma quase robotização do ser humano. O candidato passa a exigir de si metas excessivas, organização rígida e privações cada vez maiores de momentos de relaxamento. O ensino jurídico se democratizou com o avanço da tecnologia e dos cursos virtuais, o nível de preparo aumentou e as provas também se tornaram mais exigentes. Há um efeito cascata: mais conteúdo, mais concorrência qualificada, notas maiores, regras restritivas e novas estratégias para tentar controlar um

resultado que continua sendo incerto.

É nesse ponto que a figura do Mago se torna interessante para a leitura do fenômeno, em diálogo com a concepção junguiana de arquétipos e inconsciente coletivo (JUNG, 2013). No contexto deste trabalho, ela simboliza o domínio do conhecimento, a habilidade de transformação e a crença de que o saber pode oferecer controle. Surgem comportamentos como contabilização de horas líquidas cada vez maiores, supressão do convívio social e familiar, abdicação de atividades prazerosas e diminuição do tempo dedicado ao descanso e à atividade física.

O que rege esse comportamento é a crença de que o domínio técnico e racional pode controlar o imprevisível. Movido por um ideal de perfeição e autocontrole, o candidato se “robotiza”, busca transcender limitações humanas por meio do estudo e acredita que o saber cada vez maior o torna invulnerável.

O Mago, inflado, tende a negar fragilidade e dúvida. Na leitura junguiana, a identificação unilateral com um papel ou conteúdo consciente pode afastar o sujeito de outras dimensões de sua experiência psíquica (JUNG, 2013). A persona onipotente representa uma tentativa de controle dessa vida psíquica. Quem adota comportamentos rígidos que acarretam autossacrifício começa a sentir tristeza, exaustão e sensação de que nunca está preparado. Isso pode soar incoerente no nível racional, mas faz sentido no âmbito emocional: se o conhecimento eliminaria o erro e a incerteza, nunca parece haver conhecimento suficiente.

Paradoxalmente, porém, torna-se prisioneiro da própria exigência de perfeição.

A sociedade contemporânea favorece ainda a construção de uma busca de êxito através da meritocracia. Nesse campo, se o resultado não veio, a conclusão mais imediata costuma ser a de que faltou esforço. A lógica parece simples: mais horas, mais conteúdo, mais controle e menos distrações aumentariam a chance de aprovação. Mas o rendimento humano não cresce indefinidamente. A tentativa de responder a toda dificuldade com aumento de carga pode produzir exatamente o contrário do que se pretendia.

A Gestalt-terapia oferece outra entrada para esse problema (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997; RIBEIRO, 2021). Ela compreende o indivíduo como um todo em interação e enfatiza o ajustamento criativo diante das demandas ambientais e internas. A saúde mental, nessa perspectiva, depende da possibilidade de flexibilização diante do que o campo apresenta. Uma reprovação pode exigir mudança de método, pausa, reorganização financeira, revisão do projeto ou simplesmente tempo para elaborar frustração. Não há uma resposta única.

Quando o fluxo do contato é interrompido, surgem impasses. Pinto (2015) descreve modos de interrupção que ajudam a pensar essa rigidez, como dessensibilização, introjeção, projeção e proflexão. A introjeção é especialmente útil aqui. Uma frase como “é preciso abdicar de toda a vida social para passar” pode ser apenas uma opinião externa; quando

aceita sem assimilação crítica, transforma-se em regra. O mesmo acontece com “é preciso passar para ser feliz na vida”.

No processo terapêutico gestáltico, o objetivo não é simplesmente eliminar o sintoma, mas ampliar contato e consciência diante da experiência (RIBEIRO, 2021; TÁVORA, 2017). Interessa ampliar consciência e mobilização para que a pessoa consiga manter contato com a experiência e construir respostas novas. Pensamentos inflexíveis tendem a reproduzir estratégias anteriores, mesmo quando já demonstraram custo emocional elevado.

A awareness é central nesse processo (TÁVORA, 2017). Perceber exaustão, isolamento, raiva, medo ou perda de sentido não significa falta de vocação para a carreira. Pode significar que alguma coisa precisa ser revista.

A abordagem humanista de Rogers (2009) ajuda a compreender por que isso pode ser tão difícil. O candidato aprovado, reconhecido e bem-sucedido pode se tornar uma imagem tão dominante que o candidato real — cansado, angustiado e marcado por reprovações — passa a ser vivido como alguém inadequado. A autenticidade é substituída por desempenho e comparação. Quanto maior a distância entre o que ele vive e aquilo que acredita que deveria ser, maior tende a ser a cobrança; a relação entre autenticidade, congruência e bem-estar também aparece na literatura utilizada no estudo (ALMEIDA, 2018; ROGERS, 2009).

Nesse momento, passar deixa de significar apenas conquistar um cargo. Pode passar a significar provar inteligência, capacidade, valor ou merecimento.

A medicalização aparece nesse cenário como um ponto que merece cuidado. A crítica proposta neste trabalho não é ao tratamento medicamentoso quando existe indicação clínica. O problema está em reduzir ansiedade, angústia, baixa autoestima ou exaustão a obstáculos técnicos cuja única função seria serem eliminados para que a produtividade continue. O sintoma deixa de ser escutado e passa a ser tratado somente como falha de rendimento, processo que dialoga com a crítica à medicalização e às formas contemporâneas de disciplinamento e autovigilância (BIRMAN, 2014; FOUCAULT, 2014; SOUZA, 2022).

Birman (2014) ajuda a compreender essa transformação do sofrimento em questão a ser corrigida, enquanto Dejours (2012) permite lembrar que uma atividade pode participar tanto da produção de sofrimento quanto da construção de saúde, dependendo da forma como se organiza. O estudo para concursos também carrega essa ambiguidade. Disciplina, projeto profissional e investimento intenso podem produzir sentido. O mesmo estudo, organizado sob metas absolutas, culpa e sacrifício permanente, pode esvaziar o projeto que inicialmente mobilizou o sujeito.

A competitividade e a rivalidade, por isso, não parecem suficientes para explicar o colapso emocional. O problema é mais amplo. Forma-se um campo de rigidez em que existem poucas saídas possíveis e cada obstáculo parece confirmar que é necessário

insistir ainda mais no mesmo caminho.

Compreender o concurseiro sob essa ótica significa reconhecer suas adversidades e se sensibilizar com elas. O estudo precisa ser ressignificado para deixar de funcionar como instrumento de autossacrifício e voltar a ser parte de um projeto de vida.

A aproximação com a Saúde Coletiva ocorre justamente aí. O candidato não sofre em um vazio. Há exigências institucionais, expectativas familiares, custos financeiros, mercado de cursos preparatórios, discursos de alta performance e uma cultura que frequentemente associa mérito a sofrimento. Considerar esse campo não elimina escolhas individuais, mas impede que todo sofrimento seja explicado como fragilidade pessoal.

Promoção de saúde, nesse contexto, não significa ensinar o candidato a estudar menos ou abandonar objetivos ambiciosos. Significa ampliar recursos para reconhecer limites, preservar vínculos, descanso e atividades significativas e modificar estratégias quando elas deixam de funcionar. Flexibilidade não é o contrário de disciplina. Em um projeto que pode durar anos, talvez seja justamente o que permite sustentá-lo.

No Brasil, o concurso público se consolidou como instrumento de acesso democrático ao serviço público e está associado aos princípios constitucionais que orientam a Administração. Nas carreiras jurídicas, além da estabilidade, há forte reconhecimento social e remunerações elevadas. Esses elementos ajudam a compreender por que a aprovação pode assumir um valor simbólico tão grande. Para alguns candidatos, o cargo não representa apenas trabalho: representa segurança, reconhecimento, reparação de frustrações anteriores e confirmação de uma identidade desejada.

Essa sobrecarga simbólica torna a reprovação mais difícil de ser colocada em perspectiva. Uma prova ruim pode ser lida como um acontecimento circunstancial, mas também pode ser vivida como demonstração de incapacidade. Quando o sujeito já investiu anos, dinheiro, relações e expectativas no projeto, modificar o percurso parece significar perder tudo o que foi investido. A insistência, então, pode deixar de ser apenas perseverança e se aproximar de uma impossibilidade de imaginar outras formas de vida.

A persona é necessária. Não há, na leitura junguiana, uma proposta de viver sem papéis sociais. O problema é a identificação excessiva. Ser estudante, profissional, filho, companheiro, amigo ou alguém que possui interesses não relacionados ao concurso são experiências que podem coexistir. Quando “concurseiro” passa a explicar quase toda a identidade, as demais dimensões ficam empobrecidas. A aprovação ganha uma tarefa que nenhum resultado objetivo consegue cumprir completamente: devolver ao sujeito tudo aquilo que ele deixou suspenso.

É por isso que a imagem do Mago não é utilizada neste trabalho como diagnóstico nem como classificação fixa de personalidade. Ela funciona como chave simbólica. O conhecimento pode transformar, abrir possibilidades e aumentar autonomia; mas pode também alimentar fantasia de controle absoluto. O mesmo símbolo contém potência e risco.

A questão é a relação estabelecida com ele.

A ideia de ajustamento criativo ajuda a sair de uma oposição simplista entre desistir e insistir. Ajustar-se não é abandonar o objetivo sempre que surge uma dificuldade. Pode significar alterar horário, material, estratégia, ritmo, expectativa de prazo ou modo de interpretar uma reprovação. Em alguns casos, pode significar rever o próprio objetivo. O elemento central é a possibilidade de responder ao presente, e não repetir automaticamente uma regra construída em outro momento.

O conceito de contato também recoloca o corpo dentro dessa discussão. Sono, alimentação, atividade física, tensão, fadiga e prazer não são elementos externos à preparação. Eles fazem parte da experiência do sujeito que estuda. Quando o corpo aparece apenas como máquina que precisa permanecer acordada, concentrada e produtiva, uma parte importante das informações do campo deixa de ser percebida.

Por isso, a expressão “aguentar até a prova”, tão comum em ambientes de preparação, é significativa. Ela pressupõe um período que deve ser suportado para que a vida possa voltar ao normal depois. O problema é que, para muitos candidatos, depois de uma prova vem outra, depois um resultado, uma fase seguinte ou um novo edital. Aquilo que seria provisório pode durar anos.

A partir daí, a noção de heterossuporte também ganha relevância. Apoio profissional, familiar, terapêutico e até medicamentoso pode ser necessário e legítimo. O risco está em transformar qualquer suporte externo em substituto permanente da capacidade de reconhecer necessidades e produzir ajustes próprios. A autonomia não significa fazer tudo sozinho; significa poder utilizar apoio sem perder contato com aquilo que se vive.

O mesmo cuidado é necessário ao falar de medicalização. Não é possível inferir, a partir deste estudo teórico, prevalência de uso de medicamentos, diagnóstico ou padrão de prescrição entre concurseiros. O que se discute é uma lógica cultural em que sintomas podem ser interpretados prioritariamente pela sua interferência no desempenho. Nessa lógica, a pergunta deixa de ser “por que estou assim?” e se reduz a “como faço para continuar estudando?”. Essa diferença é pequena na forma e grande no significado.

Também seria inadequado transformar sofrimento em prova de comprometimento. Há uma romantização do sacrifício em alguns discursos de alta performance: quem deseja muito deveria suportar mais, dormir menos, recusar convites, estudar nos feriados e aceitar anos de suspensão da vida. A persistência pode ser uma qualidade importante, mas sofrimento crescente não é medida objetiva de dedicação.

A promoção de saúde pode começar justamente pela desmontagem dessa equivalência. A construção de uma autoimagem menos dependente do resultado e a ampliação de recursos emocionais também são relevantes para que o candidato não reduza identidade e capacidade ao desempenho em provas (VIEIRA, 2017). Há espaço para intervenções educativas simples, discussão sobre expectativas realistas, acesso a

cuidado psicológico quando necessário e valorização de estratégias sustentáveis de estudo. Há também espaço para pesquisa, porque a população concurseira permanece pouco explorada quando comparada a outros grupos submetidos a desempenho acadêmico e profissional intenso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito compreender os sentidos do sofrimento psíquico na cultura concurseira contemporânea, tomando como eixo simbólico a persona onipotente e a figura arquetípica do Mago e, como eixo fenomenológico, o self e a incongruência. A análise revelou uma forma moderna de alienação: o sujeito que transforma o saber em instrumento de busca por status e poder e o desempenho em preponderância à satisfação dos valores pessoais.

No plano arquetípico, a figura do Mago, quando inflada, converte-se em onipotência racional e controle excessivo. O concurseiro identificado com a persona do “estudioso ideal” busca dominar o destino pela via do conhecimento técnico e da produtividade. No plano social, a cultura do desempenho favorece a internalização das exigências e a gestão do próprio sofrimento como se ele fosse uma falha técnica a ser solucionada.

A psicologia humanista e a Gestalt-terapia oferecem um contraponto ao enfatizarem congruência, autorregulação e contato. A competitividade e a rivalidade não se mostram suficientes, por si sós, para explicar o colapso emocional. É a formação de um campo de rigidez que pode construir um caminho mais árduo, em que as paredes a serem derrubadas parecem cada vez mais fortes e intransponíveis.

É preciso restaurar o espaço simbólico da fala, onde o sintoma possa ser escutado como mensagem e não apenas como erro. O cuidado psicológico pode favorecer uma autoimagem menos dependente do resultado de provas e permitir novas crenças de identidade, capacidade e merecimento. Isso não retira a importância da técnica, do estudo ou da disciplina.

O candidato não precisa desaparecer atrás do papel de candidato. A busca de sentido e de realização não se esgota em um único resultado futuro, questão que também aproxima a discussão da dimensão existencial apontada por Frankl (2019).

Este estudo é teórico e utiliza material empírico secundário; por isso, não pretende estimar frequência de adoecimento nem estabelecer relações causais para todos os concurseiros. Essa limitação aponta para pesquisas de campo sobre saúde mental, estratégias de enfrentamento, redes de apoio, medicalização e fatores de proteção nessa população.

Em última instância, o percurso do concurseiro espelha a jornada de um sujeito dividido entre a busca de reconhecimento e a necessidade de alcançar autenticidade. A persona onipotente e a figura do Mago precisam ser integradas para que conhecimento

deixe de significar apenas controle e passe a simbolizar sabedoria.

Não faz sentido condicionar a prévia aprovação em concurso ao alcance de todos os objetivos desejados na vida.

Quando tudo é colocado depois da aprovação, a vida durante a preparação passa a ser percebida como aquém daquela que deveria existir. O caminho proposto pelo estudo não é abandonar ambição profissional. É retirar da aprovação a função de autorizar a felicidade. A vida precisa continuar acontecendo durante o processo de preparação.

A contribuição pretendida é menos oferecer uma receita para aprovação e mais recolocar a pessoa dentro de um processo que tende a transformá-la em desempenho. O concurso continuará exigente, as provas continuarão selecionando e a frustração continuará fazendo parte do percurso. O que pode mudar é a maneira como o sujeito atravessa esse período e o lugar que concede ao resultado dentro da própria identidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Paula. **Psicologia e contemporaneidade: autenticidade e subjetividade**. São Paulo: Cortez, 2018.

ANJOS, Felipe Burle dos. **Cultura do concurso público: uma análise da psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2016.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 out. 2025.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788536322604>. Acesso em: 21 out. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. São Paulo: Realizações, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788597018817>. Acesso em: 19 out. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015. Disponível em: <https://>

acervo.voces.com.br/sociedade-do-cansaco. Acesso em: 22 ago. 2025.

JUNG, Carl G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2013. Disponível em: <https://acervo.voces.com.br/a-natureza-da-psique>. Acesso em: 9 set. 2025.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Disponível em: <https://acervo.voces.com.br/os-arquetipos-e-o-inconsciente-coletivo>. Acesso em: 16 set. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788597011924>. Acesso em: 26 out. 2025.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park: Sage, 1985.

OLIVEIRA, Rafael Carvalho Rezende. **Curso de Direito Administrativo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Método, 2025.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph F.; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: o ciclo do contato e os modos de ser**. São Paulo: Summus, 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos da abordagem gestáltica**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2021.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788565848660>. Acesso em: 8 out. 2025.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUZA, J. A. **A cultura do concurso: estabilidade e desejo no imaginário do trabalhador brasileiro**. São Paulo: Autêntica, 2022.

TÁVORA, Maria Helena. **Fenomenologia e contato: fundamentos da Gestalt-terapia**. Belo Horizonte: Editora Oficina de Arte & Prosa, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/35987703/Fenomenologia\\_e\\_contato\\_na\\_Gestalt\\_terapia](https://www.academia.edu/35987703/Fenomenologia_e_contato_na_Gestalt_terapia). Acesso em: 28 ago. 2025.

VIEIRA, Paulo Sérgio. **Poder e Alta Performance: o manual prático para reprogramar seus hábitos e promover mudanças profundas em sua vida**. São Paulo: Gente, 2017.